



## CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE PODER

SILVEIRA, Everton<sup>1</sup>; JUNGES, Ionathan<sup>2</sup>; DORNELES, Elizabeth F.<sup>3</sup>; BRUTTI, Tiago A.<sup>4</sup>

**Palavras-Chave:** Poder. Estado. Instituição. Relação.

### Introdução

Na história da humanidade o poder e a dominação são elementos que caracterizam o embate entre Estado e sociedade. O poder normalmente se vincula a uma forma de institucionalização, como forma de dominação sobre uma entidade ou grupo social. O poder assume o papel precípua do Estado na realização de suas ações. Este trabalho aborda o conceito de poder e sua relação. Se, em um primeiro momento, o poder era centralizado em instituições como o Estado e a própria igreja, na pós-modernidade ocorrem outras manifestações de exercício do poder. Os autores abordados nesta pesquisa são Thomas Hobbes, Michel Foucault e Zygmunt Bauman.

### Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho é a pesquisa bibliográfica. Busca-se, desse modo, estabelecer uma comparação entre esses autores com o intuito de verificar as variações do conceito de poder presentes em suas obras.

### Resultados e discussões

Thomas Hobbes (1588-1679) parte do pressuposto de que o homem, em sua natureza, é individualista, egoísta e violento. Sua frase mais famosa, “o homem é o lobo do

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Ciências Contábeis da Universidade de Cruz Alta. Participante do Círculo de Leitura de Clássicos da Filosofia. E-mail: evertonsilveira90@hotmail.com.

<sup>2</sup> Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. Acadêmico do Curso de Direito da Universidade de Cruz Alta. Bolsista no PIBIC/CNPq “Circunstâncias e repercussões da perspectiva da pós-modernidade nas dimensões da tecnologia, da cibercultura e do ciberespaço”. Participante do Círculo de Leitura de Clássicos da Filosofia. E-mail: ionathanjunges@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Doutora em Letras pela UFRGS. Professora no PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Unicruz. Mediadora do Círculo de Leitura de Clássicos da Filosofia. E-mail: edorneles@unicruz.edu.br.

<sup>4</sup> Doutor em Educação nas Ciências pela Unijuí. Professor no Curso de Direito e no PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Unicruz. Coordenador do PIBIC/CNPq “Circunstâncias e repercussões da perspectiva da pós-modernidade nas dimensões da tecnologia, da cibercultura e do ciberespaço”. E-mail: tbrutti@unicruz.edu.br.



próprio homem”, reflete um pouco essa ideia. Desse modo, Hobbes (1999), em sua perspectiva sobre a natureza humana, discorre na obra “Leviatã”, sobre uma forma de organização política e social que defenda o homem de sua própria besta, que impeça que ele seja o lobo devorador do próprio homem. O pacto social, para Hobbes, pressupõe que cada um de nós deva renunciar a condição natural e transferir a um único homem ou a uma assembleia de homens o poder de governar. Assim, a partir de um contrato, criamos um poder soberano, que impõe aos súditos (população) todos os seus direitos e que garante, em primeiro lugar, uma convivência segura. Neste sentido, o poder do Estado é exercido pela força, para a manutenção da ordem e da paz. Escreve Hobbes (1999):

Aquele que é portador dessa pessoa se chama soberano, e dele se diz que possui poder soberano. Todos os restantes são súditos. Este poder soberano pode ser adquirido de duas maneiras. Uma é a força natural [...] A outra é quando os homens concordam entre si em submeterem-se a um homem, ou a uma assembleia de homens, voluntariamente, com a esperança de serem protegidos por ele contra todos os outros. Este último poder pode ser chamado um Estado Político, ou um Estado por instituição [...] Além do mais, se aquele que tentar depor seu soberano for morto, ou por ele castigado devido a essa tentativa, será o autor de seu próprio castigo, dado que por instituição é autor de tudo quanto seu soberano fizer [...] visto que o fim da instituição é a paz e a defesa de todos (1999, p. 147-148).

Desse modo, o pensamento político de Hobbes acaba estabelecendo as bases de um Estado absoluto, uma vez que este poder está acima dos súditos, sendo ilegítimo atentar contra o poder soberano. Este, por seu turno, poderá utilizar de todos os meios necessários para a manutenção da ordem e da paz. O poder absoluto neste Estado é total.

Bauman (2001), por sua vez, apresenta uma nova formulação sobre a questão do poder na sociedade pós-moderna. Para ele, a modernidade experimenta novas formas de produção e relação do poder. Elas se deslocam da produção estatal de poder, assumindo novos mecanismos de manifestação. Diferentemente do que ocorreu no passado, quando era constituído da tradição, do sólido e consubstanciado entre o Estado, a igreja e a produção científica, na modernidade fluída o poder é assegurado por uma funcionalidade muito mais potente e imperceptível. O sociólogo destaca a esse respeito:

Quanto ao poder, ele navega para longe da rua do mercado, das assembleias e dos parlamentos, dos governos locais e nacionais, para além do alcance do controle dos cidadãos, para a extraterritorialidade das redes eletrônicas. Os princípios estratégicos favoritos dos poderes existentes hoje em dia são fuga, evitação e descompromisso, e sua condição ideal é a invisibilidade (2001, p. 55).

Conforme o sociólogo, com o desenvolvimento tecnológico da sociedade moderna permitiu, por um lado, a expansão da capacidade de comunicação, impensável há pouco



tempo, e, por outro lado, trouxe um problema de grande importância, uma vez que este sistema permite que se possa realizar algo, ou que uma ordem possa ser dada e cumprida sem muito esforço, e a invisibilidade (uma característica do poder) se torna, em nosso contexto, uma realidade.

Já a questão do poder em Foucault acaba seguindo, por assim dizer, na contramão da noção de hierarquia de poder até então mais difundida na história da humanidade, desconstruindo, com isso, conceitos consagrados como verdadeiros. O poder normalmente é compreendido como imbricado com a força e a imposição, que, em um primeiro momento, emana principalmente da figura do Estado e de sua produção, sujeitando a todos de forma soberana. Contudo, essa ótica de organização não é a única forma de compreender e, tampouco, de aplicar ou de operar o poder.

O poder, de acordo com Foucault, é difuso, como uma força de relação oculta. O poder constitui seu caminho da periferia ao centro, das camadas mais externas da sociedade até atingir o cerne. O filósofo passa a ver o poder não como algo que tem lugar e forma de acontecer, mas, sim, como uma força que emana e penetra nas mais estreitas rachaduras de barreiras quase intransponíveis, assumindo uma forma de controle social. Roberto Machado (2000), ao introduzir a obra “Microfísica do poder”, busca sintetizar o pensamento de Foucault a esse respeito:

O interessante da análise é justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras. [...] Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social, que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda estrutura social. (MACHADO, 2000, p. XIV).

Foucault (2000) nega a ideia, até então muito aceita, segundo a qual é através da repressão negativa que o poder pode efetivamente cumprir o papel ao qual se destina. Seu entendimento é que o poder constitui uma rede de relações que assumem formas procedimentais para seu exercício. O filósofo salienta que as instituições utilizam técnicas procedimentais que permitem difundir a circulação dos efeitos e as formas de produzir o poder na sociedade:

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso.



Deve-se considera-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. As monarquias da Época Clássica não só desenvolveram grandes aparelhos de Estado - exército, polícia, administração local - mas instauraram o que se poderia chamar uma nova "economia" do poder, isto é, procedimentos que permitem fazer circular os efeitos de poder de forma ao mesmo tempo contínua, ininterrupta, adaptada e "individualizada" em todo o corpo social. Estas novas técnicas são ao mesmo tempo muito mais eficazes e muito menos dispendiosas [...]. (FOUCAULT, 2000, p. 7-8).

Desse modo, compreende-se que em Foucault (2000) o poder não significa uma coisa, mas uma relação constituída por formas heterogêneas de difusão, sendo a descentralização sua característica. O poder, neste sentido, é uma prática social construída historicamente. Verificam-se na sociedade relações de poder que extrapolam o âmbito do Estado, não obstante tais relações sejam consideradas indispensáveis para uma atuação estatal eficiente. Assim, de acordo com o pensamento do filósofo, o poder é microfísico.

### **Considerações finais**

Diante do exposto, ao contextualizar esta abordagem sobre o poder, compreende-se que ao longo da Idade Moderna a impressão predominante foi a de que a fonte do poder se situava exclusivamente no aparelho estatal.

Na sociedade contemporânea, contudo, sobretudo a partir do pensamento de Foucault, foram apresentadas novas configurações para o conceito de poder. O Estado, por essa perspectiva, não é o único produtor e difusor de poder. Há outras formas de manifestação e exercício do poder na sociedade. Se antes prevalecia a centralização no discurso sobre o poder, para Foucault o poder passou a ser compreendido como uma relação social, a qual se dá em todas as esferas sociais, da periferia ao centro, do micro ao macro.

### **Referências**

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.

MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.